



## **A construção social do consentimento para o trabalho: o caso da prostituição**

Palavras-Chave: [Prostituição]; [Trabalho sexual]; [Marxismo]; [Feminismo]; [Trabalho]

**Autores/as:**

**Maria Laura Arantes Bessa Ferreira [UNICAMP]  
Prof. Dr. Sávio Machado Cavalcante (orientador) [UNICAMP]**

### **Resumo**

Esta pesquisa tem o intuito de entender os processos sociais que moldam a entrada de mulheres na prostituição, buscando descrever quais os fatores em jogo nas decisões de se valer do trabalho sexual como meio de vida. Partindo da ideia de que existem tanto fatores objetivos que atuam de forma coercitiva quanto fatores subjetivos utilizados para justificar essa escolha, tentamos elaborar algumas aproximações e distanciamentos possíveis entre a prostituição e o mercado de trabalho de forma ampla. Para isso, fizemos um levantamento da produção científica nacional sobre a prostituição, do qual selecionamos etnografias e entrevistas com mulheres de contextos diversos, que serão analisados a partir da bibliografia sobre mercado do sexo e da contribuição de Narotzky e Besnier sobre as decisões envolvidas nas tentativas das pessoas comuns de “fazer a vida”<sup>1</sup> num contexto de instabilidade e dificuldade. Com isso, pretendemos contribuir com os debates sobre a regulamentação do trabalho sexual e com o debate crescente sobre prostituição nas ciências sociais, tentando aproximar o olhar da sociologia, dos debates marxistas, de gênero e do trabalho.

### **Introdução:**

As ciências sociais têm debatido de forma cada vez mais intensa as inúmeras questões despertadas pelas modalidades de trabalho sexual existentes, a despeito da prostituição já ser objeto de curiosidade e discussão há muito tempo. Esses estudos apresentam visões muito variadas sobre a atividade, considerando diferenças nas concepções de gênero, sexualidade e trabalho, bem como as diferentes perspectivas sobre sua regulamentação. Além das disputas dentro do campo feminista, que duelam diferentes perspectivas sobre o papel social do sexo e da sexualidade na libertação das mulheres- parte localizando na vivência da sexualidade a materialização da opressão feminina, parte enxergando na vivência de outras sexualidades de forma livre uma prática desestabilizadora dessa opressão- existe na nossa sociedade um forte estigma sobre as mulheres que cobram pelo sexo.

A disputa de narrativas sobre o processo de entrada na prostituição é com frequência utilizado como forma de perpetuar esse estigma construindo discursos de vitimização que se recusam a reconhecer a agência e a capacidade de decisão das mulheres envolvidas. Os motivos para o início e a permanência no trabalho sexual são ponto de questionamento constante nos debates acerca da regulamentação da atividade, na criação de políticas para trabalhadoras sexuais, na produção científica sobre o tema. Tavares (2014) argumenta que perguntas do tipo “você trabalha porque quer ou porque

---

<sup>1</sup> No original, “make a living”. Os autores também falam em “fazer a vida valer a pena”, ou “make life worth living”. Todas as citações do artigo são de tradução livre.

precisa?” não são direcionadas de forma séria a trabalhadores de outras áreas, para os quais a dicotomia vontade/necessidade em geral não é colocada em questão. Apesar disso, o debate sobre as possibilidades reais de consentimento para o trabalho na sociedade capitalista, na qual a necessidade material absoluta é determinante na vida da maioria das pessoas, é reconhecido inclusive por intelectuais importantes do liberalismo, como Stuart Mill (2001).

Do outro lado dessa disputa de narrativas, a emergência e consolidação da organização política das trabalhadoras e trabalhadores sexuais a partir dos anos 1970 e 1980 luta até hoje para mudar os termos nos quais se debate o trabalho sexual, colocando suas vozes e concepções no centro do debate e negando narrativas de vitimização que no fundo são objetificantes e desumanizantes. Esse movimento disputa a construção de novos termos e paradigmas, parte se identificando como trabalhadora, parte como puta, mas defendendo amplamente que o trabalho sexual é apenas uma “forma de trabalho possível” (PRADA, 2018, p. 50). Essa perspectiva leva em conta aproximações e distanciamentos que podem ser feitos entre “o mercado de trabalho sexual” e o mercado de trabalho de forma ampla, relações que tentamos entender melhor aqui. Compreendendo como as especificidades do trabalho sexual- que vêm da regulação da sexualidade, especialmente feminina- colocam questões diferentes para as escolhas que fazem os sujeitos envolvidos nele e como afetam a construção e o entendimento do consentimento para o trabalho nesse caso.

Para isso, recorremos à produção de Susana Narotzky e Niko Besnier, mais especificamente ao artigo “Crisis, Value and Hope: Rethinking the economy” (2014), no qual propõem uma forma de olhar para a economia não a partir dos modelos e estruturas macroeconômicas, mas a partir das construções e escolhas cotidianas das pessoas nos seus processos de “fazer a vida”, e em como essas escolhas se relacionam às grandes estruturas numa metodologia escalar. Essa proposta nos pareceu interessante porque chama atenção para o dilema entre agência e estrutura que é o fundo do debate sobre o consentimento: como entender o consentimento para o trabalho numa organização social marcada pela coerção de fatores objetivos como a pobreza mas que, ao mesmo tempo, é povoada e construída por sujeitos dotados de autonomia, sonhos, inquietações? Quão relevante é essa autonomia frente à coerção? A especificidade da prostituição, ante outras formas de trabalho, é de cunho apenas moral?

Em “Economias sexuais, amor e tráfico de pessoas”, Piscitelli (2016) aborda “as íntimas vinculações entre intercâmbios econômicos, sexo, afeto e poder, particularmente em momentos/ contextos nos quais a sexualidade se torna um recurso relevante para obter capital econômico e social para pessoas de diferentes classes sociais (Cole, 2009; 2014)”. Essa acepção possibilita pensar nas economias sexuais como parte das economias cotidianas, no sentido a elas atribuídas por Narotzky e Besnier (2014). Trata-se de como as pessoas comuns subsistem no dia a dia, do que fazem para viver melhor, para ajudar-se entre gerações e para distribuir e redistribuir recursos. Os autores utilizam uma noção ampla de economia que envolve todos os processos mediante os quais se sustenta a vida, indo além das relações de mercado e do puramente material, incluindo estratégias que envolvem relações de cuidado, circulações de afeto, redes de reciprocidade. De acordo com os autores, a ideia de economias cotidianas possibilita pensar o que fazem as pessoas para viver e porque – o que inclui uma dimensão moral da economia. Ela permite considerar as razões e os afetos que conduzem as pessoas a tomar decisões de tipo econômico, que quase nunca são apenas de tipo econômico, pois estão inseridas e ancoradas em múltiplas obrigações morais.

Além disso, entender a economia a partir do fazer cotidiano da vida centraliza a esfera da reprodução social na manutenção da exploração capitalista. Esse esforço de análise busca explicitar a profunda integração entre um conjunto de atividades vinculadas ao cuidado, aos trabalhos domésticos e às relações sexuais, e aquelas vinculadas à produção de bens e serviços, postulando uma unidade concreta que permite a “manutenção e reprodução da vida, em nível diário e geracional” (ARUZZA, 2017). Ou seja, estabelecendo essa conexão entre as práticas cotidianas de manutenção da vida e as estruturas da economia política capitalista, o que por consequência dá centralidade à toda uma esfera de trabalhos realizados principalmente pelas mulheres.

A prostituição, à primeira vista, se situa num espaço muito particular entre essas duas esferas, porque é, ao mesmo tempo, parte do “conjunto de atividades vinculadas ao cuidado, aos trabalhos domésticos e às relações sexuais” e parte da esfera de serviços, e disputa esse lugar na esfera de serviços. Entendemos que ela pode ser, então, um ponto interessante nessas teorias sociológica, antropológica e econômica feminista que está se consolidando. Para fazer essa localização, nossa ideia foi buscar as narrativas de mulheres de realidades diversas sobre seu processo de inserção na prostituição e os fatores que justificam sua permanência, a partir do levantamento e leitura de teses e dissertações de metodologia etnográfica e de entrevistas produzidas nas últimas duas décadas em todo o Brasil. Analisamos alguns trechos recolhidos dessas leituras à luz da proposta de Narotzky e Besnier, nos embasando em grande parte também na teoria já mais consolidada sobre mercado do sexo e economias sexuais, apontando os fatores que são levados em consideração na escolha pela prostituição como meio de “fazer a vida”.

### **Metodologia:**

A primeira etapa do desenvolvimento da pesquisa constituiu no levantamento e análise de pesquisas qualitativas dentro da produção acadêmica existente. Fizemos uma pesquisa no Banco de Teses e Dissertações da Capes pela palavra-chave “prostituição”, a partir da qual encontramos 819 resultados, bastante diversos entre si. Encontramos trabalhos de diferentes áreas do conhecimento (ciências sociais, história, letras, direito, saúde, psicologia, geografia, entre outras); que tratavam de distintas regiões e especificidades territoriais no Brasil (populações ribeirinhas, grandes centros urbanos, cidades de interior, territórios de fronteira, territórios indígenas); distintas condições de trabalho (prostituição de rua, prostituição “de luxo”, bares, casas fechadas, pessoas em situação de rua); e a partir de distintas metodologias (entrevistas, trabalhos de campo, pesquisa documental, pesquisa quantitativa, entre outras). A partir da leitura dos resumos, os organizamos designando até 5 tags, ou palavras chaves, para cada um, criadas a partir de necessidade que nos apontava a leitura de cada resumo. Com a leitura de um número considerável foi possível perceber alguns recortes que se repetiam com mais frequência, e alguns padrões que possibilitaram reflexões sobre a produção acadêmica relativa à prostituição no Brasil.

A partir desse primeiro levantamento foram pré-selecionados cerca de cem trabalhos, dos quais 10 foram escolhidos para leitura e utilização na etapa seguinte da pesquisa. Novamente, a variedade de realidades descritas em cada trabalho foi critério fundamental, além daquelas que propõe perguntas mais próximas do objetivo do projeto, como a visão das próprias prostitutas sobre seu trabalho, os motivos que elas explicitam para sua entrada e permanência na profissão.

### **Resultados e discussão:**

Vamos apresentar um balanço preliminar da leitura dos trabalhos, as indicações feitas não querem apontar qualquer originalidade, mas pretendem ser um balanço da produção selecionada. Tentamos refletir os padrões que pudemos observar. Mesmo escolhendo entrevistas e trabalhos de campos realizados em localidades e realidades bastante diferentes entre si, foi possível perceber elementos em comum bastante importantes na leitura das teses e dissertações selecionadas. Um elemento recorrente nas narrativas das mulheres entrevistadas nos trabalhos são os momentos de crise como ponto de partida para a decisão de começar a fazer programas. Trajetórias que culminam em momentos de dificuldade, conflito ou necessidade, de graus variados, aos quais a realização de programas se apresenta como solução ou saída possível. São crises pessoais que envolvem aspectos financeiros mas também de ordem subjetiva, que podem se colocar na forma de um divórcio ou ruptura amorosa, saída abrupta de casa numa idade ainda jovem, desemprego. Para Narotzky e Besnier (2014), são ocasiões que contrastam com “formas de estabilidade que permitem o planejamento de projetos e que apoiam a confiança de que as configurações existentes vão permitir a realização desses projetos”. Ou seja, momentos em que não parece possível traçar projetos que tenham chances de se cumprir de fato, porque não há configurações que permitam a realização desses projetos. A prostituição, nesse sentido, entra como uma possibilidade, inicialmente, de dinheiro rápido. Nas palavras de Russo (2006, p. 189), “uma resolução imediata para problemas que precisam de resolução urgente”. Não é necessário confiar num projeto ou numa estrutura, mas ir, trabalhar e

pegar o dinheiro. A questão da rapidez com que o dinheiro entra, sem que tenham que ser feitos maiores investimentos ou planejamentos é ponto citado em todos os trabalhos lidos.

Em pouco tempo, a realização de que os programas podem ser uma fonte fixa e abundante de renda - em comparação com outros trabalhos que tenham se apresentado como possibilidade palpável - os planejamentos dos projetos de vida podem aparecer novamente, porque volta a haver “confiança nas configurações existentes” que permitirão a realização desses projetos. Ou seja, depois da realização do primeiro ou dos primeiros programas, a prostituição passa a se apresentar como possibilidade concreta de “melhorar de vida”. Motivo pelo qual muitas permanecem, mesmo aquelas que relatam querer sair. Esses projetos podem ser imaginados a partir de si mesmas, na construção de autonomia financeira e pessoal, vivência de uma certa liberdade nos relacionamentos e no cotidiano, quebra de paradigmas opressores de gênero, acesso ao consumo; mas também a partir de suas famílias, principalmente na busca da segurança financeira para os familiares, materializada especialmente no sonho da casa própria, e também na busca por capital cultural para seus filhos. Verônica Santos conta de uma trabalhadora que, “com o dinheiro dos programas, conseguiu comprar uma casa com um ponto comercial, vizinho à casa de seus pais. Ela planeja sair da prostituição, mas precisa guardar um dinheiro para montar o seu próprio negócio” (2016, p. 57)

Nesse sentido da crise, Narotzky e Besnier colocam uma outra dimensão a ser considerada: “para muitas pessoas no mundo a experiência do caos e permanente insegurança vital é a situação que desenha o campo no qual elas precisam jogar” (2014, p. 58), ou seja, a crise não é um momento, mas uma condição permanente. Mesmo nas histórias nas quais não existe uma crise momentânea em curso no momento do início na atividade prostitucional, é possível dizer que os aspectos de instabilidade e incertezas estão presentes nas trajetórias de todas as entrevistas mencionadas nos trabalhos lidos, seja em seus sentidos materiais ou subjetivos. Esses aspectos, contudo, são parte constituinte da vida da maioria das pessoas por todo o mundo, e especialmente das mulheres, para quem a responsabilidade em gerir essas incertezas se combina com a “presunção de que são trabalhadoras subsidiárias” (NAROTZKY, 1997, p. 158). Para a autora, isso significa que além de ficarem presas a trabalhos associados à esfera doméstica, não espera-se que sejam responsáveis por garantir a reprodução material da casa, o que as destina a subtrabalhos, extenuantes e mal pagos, que são realizados em adição ao papel de gestoras domésticas. Reconhecer a existência desse papel destinado às mulheres pobres na nossa sociedade e recusá-lo para si aparece como um fator fundamental da escolha pelo trabalho sexual. Russo (ANO) destaca a baixa escolaridade de suas entrevistadas, “apenas uma concluiu o segundo grau, e uma começou a faculdade mas não terminou”, e argumenta que “as condições de trabalho das prostitutas são duras e que, mesmo quando não estão exercendo a prostituição, assumem diversas outras tarefas comuns às mulheres pobres do nosso país”.

Em algumas entrevistas, o momento de crise momentânea de fato não aparece como elemento impulsionador dessa decisão, que é vista mais como um acidente. Em casos como o dessa trabalhadora entrevistada por Araújo, uma certa sensação de “deslumbramento” com o primeiro programa, “ser paga para fazer algo que muitas mulheres fazem sem cobrar”. Araújo (2018) corrobora com o argumento anterior ressaltando que por mais que a necessidade econômica apareça “como a principal motivação para a inserção e permanência na atividade prostitucional”, há outras motivações que remetem mais às trajetórias pessoais, “às questões de gênero e às suas sexualidades, os quais têm a ver com a autonomia pessoal”. As famílias, como veremos mais para frente, são peso importante na balança da decisão pela entrada e permanência na prostituição, e, nesse caso, relações familiares percebidas como opressivas ou limitantes são gatilho para a busca de possibilidades de vida mais livres e autônomas.

As entrevistas têm demonstrado que as perspectivas de futuro das mulheres também são pontos importantes a se analisar e pensar, para além da questão de como entraram. Seus projetos de vida apontam o que está em jogo para a construção do futuro, como elas avaliam as possibilidades concretas, quais são as possibilidades que de fato se apresentam para elas a partir de suas trajetórias, que são, de forma geral, de um início difícil, pouca escolaridades, filhos e família para cuidar, e depois de acesso ao consumo e melhoria de vida através do dinheiro da prostituição. A saída da

prostituição se mostra uma vontade, frequentemente, e mesmo uma necessidade dados riscos presentes no dia a dia da profissão, dado que os programas se tornam mais difíceis e mais baratos à medida que as trabalhadoras envelhecem. O trabalho autônomo e o empreendedorismo são o caminho mais citado. Como constituem redes de contatos e desenvolvem habilidades específicas para a prostituição, as saídas normalmente apontam para a criação de negócios ali ao redor, como o próprio bar ou casa de prostituição, salões de beleza e lojas de roupas, com o dinheiro que juntaram ao longo da vida.

### **Conclusões:**

A prostituição, em suas mais variadas formas de organização e como parte de um conjunto mais amplo de trocas econômico sexuais, se apresenta como uma das possibilidades de realização de projetos de vida que não poderiam se realizar de outras formas dada as oportunidades escassas. A busca pela realização desses projetos é o principal motivo para a entrada e permanência na atividade segundo os trabalhos lidos. Eles podem ser imaginados a partir de si mesmas, na construção de autonomia financeira e pessoal, ou a partir da responsabilidade com a sobrevivência e conforto de suas famílias. A prostituição se apresenta como um caminho possível para a construção de uma outra trajetória de vida que não seja marcada pela escassez e pela opressão.

Nesse sentido, segundo Narotzky e Besnier (2014), o processo de escolha pelo trabalho sexual não é muito diferente do processo de escolha por outras atividades que satisfaçam as necessidades materiais e pessoais das pessoas comuns, que no capitalismo possuem necessariamente um horizonte limitado de possibilidades. A construção de projetos de vida se esbarra nos limites do possível e, ao mesmo tempo, se estende na medida da esperança por um futuro melhor do que o presente e no qual as pessoas se realizem na e para além da esfera financeira e material.

### **Bibliografia**

ARAÚJO, W. R. M. **Tem "barrageiro" no Brega? Um estudo acerca das trajetórias de mulheres que se prostituem nas áreas atingidas pelas Usinas Hidrelétricas Jirau e Santo Antônio no Estado de Rondônia.** Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018.

BERNSTEIN, E. **O significado da compra: desejo, demanda, e o comércio do sexo.** Cadernos Pagu, n. 31, julho-dezembro de 2008.

KEMPADOO, K.; DOEZEMA, J. (eds.) **Global sex-workers: Rights, Resistance, and Redefinition.** New York, Routledge, 1998.

MILL, J. S. **Capítulos sobre o socialismo.** São Paulo: Perseu Abramo, 2001.

NAROTZKY, S. BESNIER, N. **Crisis, value and hope: rethinking the economy.** Current Anthropology, volume 55, agosto de 2014.

OLIVEIRA, Mônica Queiroz de. **Prostituição e trabalho no baixo meretrício de Belo Horizonte- O trabalho na vida nada fácil.** Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

PISCITELLI, A. **Economias sexuais, amor e tráfico de pessoas - novas questões conceituais.** Cadernos Pagu, n. 47, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, julho de 2016.

PRADA, M. **Putafeminista.** São Paulo: Veneta, 2018.

RUSSO, G. H. A. **Rodando a bolsinha: dinheiro e relações de prostituição.** Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2006.

SANTOS, V. G. **Narrativas Educacionais de Prostitutas do Centro de Fortaleza- CE.** Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2016.